

O ENSINO REMOTO E OS IMPACTOS NAS APRENDIZAGENS

Edilane Carvalho Teles¹

Adriana Maria de Almeida Campana²

Fabiana Nascimento³

Suéller Costa⁴

RESUMO

O presente texto é parte de uma pesquisa em andamento sobre o ensino remoto, a partir da escuta de pais, discentes e docentes sobre suas experiências ou a ausência delas com a educação formal, durante o período de distanciamento social, decorrente da pandemia da Covid-19. Para tanto, este trabalho propõe um estudo de recepção e análise das interpretações discursivas dos sujeitos, cujo escopo é promover uma sistematização sobre a educação neste formato. Trata-se de pesquisa qualitativa de metodologia participante, com vistas a elaborar um mapeamento sobre os entendimentos iniciais das aprendizagens construídas no período. Como resultado, vislumbra a ampliação de projetos desafiados pela inclusão e usos das tecnologias como meios para promover o ensino, na elaboração de referenciais sobre a cognição discente com as atividades atuais e o pós-pandemia.

Palavras-chave: Ensino remoto. Aprendizagens. Pesquisa de recepção. Tecnologias. Compreensões.

REMOTE TEACHING AND IMPACTS ON LEARNING

¹ Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. Coordenadora do Observatório de Educação Midiática e Tecnológica na formação docente. E-mail: edilaneteles@hotmail.com.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/DCH III/UNEB. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Educação Contextualizada, Cultura e Território - EDUCERE. Email: didacampana@yahoo.com.br.

³ Graduanda de Pedagogia, Departamento de Ciências Humanas, Campus III, Universidade do Estado da Bahia. Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Pernambuco (UPE). Monitora do Observatório de Educação Midiática e Tecnológica na formação docente. E-mail: fabiológica6@gmail.com.

⁴ Jornalista, Educadora, Educomunicadora e Pesquisadora. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Educomunicação, Tecnologias na Aprendizagem e Alfabetização e Letramento Digital. Atua como professora da Educação Básica, colunista especializada em textos voltados a educação e cultura, articuladora de projetos educacionais no ensino formal e não-formal. E-mail: sueller.costa@gmail.com.

ABSTRACT

This text is part of an ongoing research about remote education, based on listening to parents, students and teachers about their experiences or their absence of formal education, during the period of social detachment, resulting from the Covid-19 pandemic. Therefore, it is proposed as a study of reception and analysis of the discursive interpretations of the subjects, whose scope is promote a systematization about education in this format. It's a qualitative research of participant methodology, with a view to elaborating a mapping on the initial understandings of the learning built in the period. As a result, it envisages the expansion of projects challenged by the inclusion and uses of technologies as means to promote teaching, in the development of references on student cognition with current activities and the post-pandemic.

Keywords: Remote education. Learning. Reception research. Technologies. Understandings.

ENSEÑANZA REMOTA E IMPACTOS EN EL APRENDIZAJE

Este texto es parte de una investigación en curso sobre educación a distancia, basada en escuchar a padres, alumnos y docentes sobre sus vivencias o su ausencia con la educación formal, durante el período de desapego social, producto de la pandemia de Covid-19. Por tanto, se propone como un estudio de recepción y análisis de las interpretaciones discursivas de los sujetos, cuyo alcance es promover una sistematización sobre la educación en este formato. Investigación cualitativa de metodología participante, con miras a elaborar un mapeo de las comprensiones iniciales de los aprendizajes construidos en el período. Como resultado, contempla la expansión de proyectos desafiados por la inclusión y uso de tecnologías como medio para promover la docencia, en el desarrollo de referencias sobre la cognición del estudiante con las actividades actuales y la pospandémica.

Palabras clave: Educación a distancia. Aprendizaje. Búsqueda de recepción. Tecnologías. Comprensiones.

1 Introdução

Este ensaio propõe uma sistematização com reflexões iniciais sobre as aprendizagens promovidas no período escolar com o ensino remoto⁵. Para tanto, foram realizadas entrevistas com estudantes, pais e professores de diversos segmentos de

⁵ O Ensino Remoto na Educação Básica.

ensino, as quais identificaram a presente temática como um dos destaques da investigação, questionada pela maioria dos colaboradores. Assim, inicia-se: É possível mensurar os impactos nas aprendizagens de estudantes com o ensino remoto? A urgência da pergunta e das possíveis respostas são variáveis contínuas nas práticas pedagógicas atuais, que deverão ser investigadas e compreendidas ao longo de um processo de observação e pesquisa das proposições formativas, quando o ensino ‘regular e presencial’ for possível, com a retomada das atividades, com uma maior frequência e acessibilidade.

No contexto hodierno, é quase óbvio considerar que, se antes a parceria entre pais, responsáveis, docentes e discentes com as instituições para a construção e o fortalecimento dos processos de ensino e aprendizagem era necessária, atualmente, com o formato ‘temporário’⁶ do Ensino Remoto (ER), tornou-se urgente. Outro aspecto a ser considerado é o ensino distanciado, com o qual professores e alunos não estão próximos durante os atos de ensinar e aprender, tensionando ulteriormente as práticas pedagógicas, desafiando os currículos a serem melhor compreendidos, uma vez que a interação e o acompanhamento tornaram-se ainda mais distantes, exigindo, portanto, proposições diversas quanto à sua realização.

A princípio, cabe destacar que a Educação Brasileira, com todos os desafios e dificuldades quanto aos índices de qualidade, nunca alcançou a equidade descrita e proposta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), portanto, não vivíamos uma ‘normalidade’ na educação. Muitas questões continuavam/continuam pendentes, principalmente relacionadas à melhoria das formações dos sujeitos nos diversos segmentos de ensino. Afinal, o que é normal?

Nesse sentido, considerar os construtos e resultados do imprevisto da situação emergencial como um ‘novo normal’, sem o acréscimo dos problemas que não estão relacionados exclusivamente ao ER, evidencia, tentando ocultar, que apenas grupos privilegiados com acesso às tecnologias e à internet estão ‘aptos’, expondo, assim, o fosso das desigualdades entre o ensino público e privado. Portanto, não vivemos um

⁶ Proposto em destaque porque a priori foi apresentado como alternativa por conta do distanciamento social, entretanto, com o passar dos meses, configurou-se como única alternativa para parte da população educacional das instituições de ensino que teve acesso a este formato.

‘novo normal’, pois não se pode normalizar uma situação, na qual muitos cidadãos sequer são considerados com políticas públicas que os ampare, com medidas para a garantia da educação na modalidade que foi aprovada, para dar início e/ou continuidade ao ano letivo, enquanto espera-se o retorno das aulas presenciais.

Faz-se necessário destacar que o ER é uma proposição emergencial que se configurou como uma ‘alternativa’, adotada pelas secretarias de educação e redes de ensino diante da situação que o país vive. Como um ‘novo sistema’ traz desafios, aprendizagens e prejuízos à comunidade escolar, exacerbados pela falta de organização e convergência nacional, cada um dos órgãos - regionais, estaduais, territoriais, público e privado - desenvolveram as atividades do próprio modo. De certa forma, pode ser considerado salutar pela possibilidade de construção contextualizada, a partir dos próprios sujeitos da escola e realidades nas quais estão inseridos. Entretanto, não pode servir como ‘desculpa’ para o ‘esquecimento’ de uma grande parcela de estudantes que não tem facilidade de acessos, portanto, ficam à espera e fora dos construtos realizados atualmente, ampliando, assim, a exclusão.

Dito isso, existem ainda os docentes que encontram-se frente às invenções pontuais, realizadas nas práticas pedagógicas, enfrentando o despreparo para um ensino diverso das experiências que conheciam até o momento. Nesse processo, a educação remota esbarra em algumas questões a serem consideradas: a) as realidades de cada família, localidade e região, escancarando a desigualdade social; b) as estratégias pedagógicas adotadas nos variados grupos, os quais revelam as dificuldades enfrentadas por pais, alunos, professores e instituições de ensino; c) os acessos e não acessos à internet; d) a falta de computadores e celulares para a realização e acompanhamento das atividades; e) a falta de espaço ‘adequado’ para os estudos; f) a baixa escolaridade dos genitores em muitos contextos.

Os tópicos aqui elencados emergiram a partir da escuta dos colaboradores da pesquisa, como alguns dos fatores que intensificaram as tensões e, principalmente, os percursos formativos, especificados como “angústias” (como muitos denominam), uma vez que muitas mães (maioria que acompanha a educação dos estudantes) não se sentem capazes de ajudar as crianças e os adolescentes nas tarefas escolares. Além disso, muitas

precisam trabalhar em meio à pandemia para manter o sustento de si e da família, não podendo acompanhar as aulas remotas dos filhos. Outro dado a considerar é que, na maioria dos depoimentos (coletados por meio de entrevistas e pelas respostas recebidas nos formulários), especificamente das instituições públicas, só a mãe, o pai ou outro responsável dispõem de um aparelho para o uso de internet.

Assim, as dificuldades de contato, interação e diálogo, que ajudam a esclarecer as formações, cresceu muito no período de fechamento das escolas e universidades, cenário incerto nos próximos meses, pois, sem o controle da pandemia, continuamos obrigados a manter o distanciamento. Outro aspecto muito evidenciado na escuta dos sujeitos, como algo que interfere na aprendizagem, é potencializado pelos ‘ruídos’ gerados pela má e/ou ausência de comunicação clara, objetiva e fundamentada na ciência, o que impede as famílias de entenderem, de fato, o que deve ser feito e como encaminhar o ensino no âmbito familiar, num percurso que envolve saúde e educação.

Nesse sentido, a pesquisa propõe transversalizar e compreender o pouco que foi possível mapear até o momento sobre a aprendizagem deste período, individualizando algumas medidas propostas, como, por exemplo, a necessária ampliação da comunicação entre os grupos, para promover mais explicações sobre a situação educacional e a implicação sanitária, e, assim, analisar parte das estratégias escolhidas, tais como: o envio de atividades fotocopiadas, segundo as instituições, distribuídas “*no maior cuidado e rigor que o momento pede*”- afirmam -, as quais, de acordo com algumas reflexões, são pouco satisfatórias; as videoaulas, que evidenciam, para alguns, os espaços institucionais de aprendizagem do ensino formal na tela dos dispositivos, numa proposição que se autodenomina ‘mais interativa’ em plataformas digitais, apenas para destacar as mais citadas. O ER tem sido uma ‘mescla’ de muita invenção criativa e de dificuldades enfrentadas, com uma coragem e insistência que apontam a relevância dos movimentos e das ações docentes, sobre a interface da educação com a comunicação no diálogo com as tecnologias, esta última vista como uma barreira na formação inicial e na prática profissional.

No cenário que se forma paulatinamente, fica explícito que aprender é um processo muito mais complexo do que se imagina e que não basta apenas transmitir uma

informação e/ou conteúdo. Se antes da pandemia era desafiador unir escola e comunidade, agora ficou ainda mais difícil, portanto, questionamos: como construir no mundo *on-line* e em distanciamento social uma relação e estrutura de apoio aos discentes, docentes e a comunidade numa sociedade tão desigual?

A seguir, serão destacadas algumas referências que são resultados da escuta sobre os percursos das aprendizagens realizados neste período, buscando evidenciar, em meio ao caos, construtos que ampliem os entendimentos do ER, como algumas estratégias que poderão orientar os aprendizados para o futuro do pós-pandemia, se possível.

2 Reflexões sobre as aprendizagens

Investigar a eficácia da aprendizagem durante o ER é uma das principais dificuldades para professores, pais e, inclusive, os estudantes. Embora parte das atividades escolares continue sendo realizadas com diferentes estratégias, metodologias e recursos, com o destaque de que ‘ainda’ precisam respeitar a diversidade dos cenários e, em especial, a realidade dos milhões de alunos brasileiros, ainda é muito difícil, para o público envolvido, avaliar se, de fato, tudo o que está sendo ‘transmitido e/ou proposto’ pelo ‘atual’ modelo de ensino vem sendo assimilado e aprendido. Podemos ao menos afirmar que está sendo significativo? O que encontramos são respostas ainda pontuais e não mapeadas, por isso, a presente tentativa.

Inicialmente, foram muitas as dificuldades, afinal, era uma novidade e todos se surpreenderam ao terem que mudar suas rotinas, transformar os seus lares, reestruturar os cotidianos familiares para integrar as atuais com as novas responsabilidades, dentre elas, a de mediar os estudos dos filhos. Ainda não acabaram, mas podemos dizer que amenizaram para alguns, após meses de experiências. Apesar disso, ainda é difícil acompanhar tudo o que vem sendo realizado no âmbito educativo, sobre o qual pode-se considerar que as mudanças comportamentais para se ajustar ao cenário que se formou têm sido notáveis, e, com isso, o processo de ensino e aprendizagem vem sendo efetuado em diferentes maneiras, tentativas, que defendemos, precisam ser mapeadas. Muitas escolas nunca pararam, os ambientes é que mudaram, assim, o educar (mesmo limitado e diverso) se manteve presente, bem como o aprender.

No entanto, após aproximadamente nove meses (*considerando o tempo corrente até a escrita deste artigo*) vivenciando o ER, superando dois semestres letivos, e, por sua vez, quatro bimestres, pois o cronograma escolar, em boa parte das redes de ensino, foi seguido, pode-se afirmar que a aprendizagem está sendo mais efetiva para aqueles que estão tendo acesso a ela? Ao analisar esta questão, outra vem à tona: será que os alunos estão aprendendo? E, se sim, mais ou menos em comparação com as aulas presenciais? São muitas as indagações e em sequências, cujas reflexões e respostas diferem conforme o perfil de cada um que integra os diversos espaços e segmentos.

Para compreender esses processos, é preciso promover estudos de natureza cognitiva, de escuta e análise das aprendizagens, para interpretar os modos como os sujeitos veem os próprios construtos, nos quais a ciência cognitiva é uma referência para elucidar tais elaborações. Esta área busca compreender o funcionamento e os modos como se desenvolvem os vínculos biológicos, culturais e sociais. Portanto, é importante se voltar à interpretação da capacidade de adaptação e aprendizagem diante das barreiras encontradas diante da interação com os dispositivos tecnológicos, que ganharam outra dimensão quanto à interatividade e elaborações no cotidiano. Como afirma Legrenzi (p. 148, 2003, tradução nossa),

[...] A seleção natural é impulsionada por "erros" na replicação, a seleção "artificial" induzida pela competição é o menor dos males possíveis, dada a miopia da racionalidade restrita. As noções de inovação e progresso são de verão, por sua vez, esvaziadas pelos triunfalismos do século passado. Foram precisamente as ciências cognitivas que nos mostraram como o conhecimento científico, em geral, não pode se orgulhar da descoberta de verdades definitivas. Não construímos uma montanha de certezas esplêndidas, mas apenas pilhas de resíduos, consistindo no aumento progressivo das hipóteses sobre o funcionamento do mundo que sabemos serem falsas.⁷

Portanto, temporárias na construção dos entendimentos. Algumas reflexões docentes: a) a avaliação e acompanhamento ainda é um desafio, mas, em vista do que

⁷ [...] la selezione naturale è guidata dagli "errori" nella replicazione, la selezione "artificiale" indotta dalla competizione è il minore dei mali possibili data la miopia della razionalità vincolata. Le nozioni di innovazione e progresso sono estate, a loro volta, svuotate da trionfalismi di secolo scorso. Proprio le scienze cognitive ci hanno mostrato come i saperi scientifici, in generale, non possano gloriarsi della scoperta di verità definitive. Non abbiamo costruito una montagna di splendide certezze, ma soltanto cumuli di rifiuti, costituiti dal progressivo incremento delle ipotesi sul funzionamento del mondo che sappiamo esse false.

muitos vêm realizando, parte dos entrevistados acredita que “*de certa maneira*” seus alunos estão aprendendo, cada um do seu modo e de acordo com as suas limitações, interações e acessos; b) para aqueles que podem usufruir dos recursos tecnológicos, as atividades e demandas na realização da própria práxis pedagógica aumentaram, tensionando os tempos do trabalho docente, ou seja, fica-se mais tempo nas elaborações das atividades, a priori, por serem diversas das implementadas presencialmente, o que requer formação continuada, porque os formatos são outros; c) nas interações síncronas e assíncronas, a ‘personalização’ do ensino, o acompanhamento de alguns grupos subtendem uma maior proximidade dos alunos, entretanto, reafirmando o acréscimo da carga de trabalho, numa invasão do contexto laboral na vida familiar e privada; d) para outros, ao utilizar diferentes estratégias, as tecnologias ajudam a ampliar a abordagem dos conteúdos, e, ainda, permite que educadores e educandos se tornem, na medida do possível, mais próximos, porque podem realizar aulas não só em grupo, como também no individual, a fim de atender às dúvidas de suas turmas. Entretanto, isso requer tempo e disponibilidade laboral, aspecto pouco considerado na carga horária docente.

O professor de Literatura e Artes, C. E. E., por exemplo, afirma que tem “*aproveitado estas possibilidades de trabalho*”. Leciona para as suas turmas diariamente, com aulas ao vivo, e conta que, pelas áreas que atua, tem se beneficiado com o acesso à internet.

“Na hora da aula, eu apresento livros, músicas, peças de teatro, museus, vídeos, promovo visitas virtuais a espaços culturais. Adiciono links que dialogam com meus temas e ilustram minhas explicações, para os alunos vivenciarem o que estou abordando. Creio que o aprendizado é ampliado, e a internet, quando bem utilizada, intensifica os conhecimentos. Eu acredito no ensino remoto, e ele vai continuar, e gostei muito de, na prática, mostrar aos meus alunos como podemos usar a internet para o nosso benefício. Percebo e vejo que a aprendizagem pode crescer, principalmente, com a nossa orientação, pois precisamos mostrar para o público discente que estes recursos são benéficos para eles”.

Por outro lado, aqueles que possuem em suas turmas alunos com dificuldade de acesso à internet e aos aparatos tecnológicos percebem maior desigualdade no aprendizado. Muitos não conseguem acompanhar as videoaulas, receber os materiais enviados e realizar as atividades propostas. Embora algumas unidades escolares

organizem materiais impressos e se desdobrem para entregá-los aos educandos, eles não recebem a explicação do professor. Desta forma, como ficam as orientações? Para esta parcela estudantil, muitos educadores buscam estratégias para se aproximarem, como ligações telefônicas e mensagens rápidas pelo *WhatsApp*, que não demandam muitos dados para serem baixadas. Indo muito além de suas obrigações laborais, pode-se afirmar, realizando ações que deveriam ser promovidas e efetivadas com a parceria e responsabilidade das instituições educacionais que orientam e definem as políticas educacionais para o Estado e o país.

Apesar disso, é uma forma de não os privar de um de seus direitos mais básicos, que é o de estudar. Com relação às aprendizagens, é difícil avaliar, mas há a certeza de que os públicos mais carentes estão entre os mais prejudicados ao longo deste ano escolar, embora os indícios sejam nessa direção por conta da ausência de continuidade de diversas formas para estes grupos. Assim, são eles que deverão receber uma maior atenção quando houver o retorno do ensino presencial, buscar maior equilíbrio entre aqueles que tiveram menos acesso nos diversos segmentos de ensino.

3 Entendimentos dos genitores

Para os pais, as opiniões também divergem. Muitos deles acreditam que os filhos não deixaram de aprender, em vista da preocupação da escola em não permitir que isto aconteça, conforme relata a mãe G.O.L.L, que tem um filho no 3º ano do Ensino Fundamental I e estuda numa escola particular.

“Não acredito nessa concepção de que aprendem menos. Acompanho meu filho de 8 anos, e as suas aulas acontecem on-line. O método já era apostilado e continua, e, agora, eles contam com o suporte da plataforma digital da editora. São diversos recursos de apoio para que as atividades aconteçam, portanto, se o processo de aprendizagem, por parte da criança, for mais lento, é possível recuperar durante as aulas. O tempo todo a professora solicita as respostas de forma individual pelo chat, verificando se a criança está compreendendo ou não”.

No entanto, a avaliação também a preocupa, porque ela acompanha o rendimento do filho, mas não sabe como a escola fará este estudo. Continua:

“Neste modelo de ensino, a única mudança em questão, no meu ponto de vista, é na forma de como a professora faz a avaliação geral do desempenho do aluno, tendo em vista que, por enquanto, não recebi nenhum boletim informativo deste ano letivo”.

Embora os conteúdos sejam transmitidos, a preocupação é se as crianças e os adolescentes estão compreendendo e aprendendo tudo o que vem sendo compartilhado por seus educadores. Para a mãe D. O., a situação é mais complicada, principalmente, por conta do contato humano, porque muitos professores cativam seus alunos pela presença, envolvimento e afeto. Às vezes, uma matéria é difícil para um aluno, mas a disposição da professora o ajuda a se interessar e a aprender. No remoto, também há a atenção dos educadores, no entanto, a sociabilidade faz falta, e a vivência que a criança tem no ambiente escolar também auxilia no seu aprendizado. Seu filho estuda no 1º ano do ensino fundamental I, e, desde o início, tem acompanhado as atividades. As aulas eram gravadas, os pais assistiam juntos, ajudando a realizar as propostas, inclusive, as práticas.

“Agora, as aulas são ao vivo, e a escola nos orienta a não ficarmos do lado das crianças. O ensino é entre o professor e o aluno. Mas não é a mesma coisa. Acredito que meu filho regrediu, em vista do tanto que ele aprendeu no ano passado. Não vi o avanço no seu aprendizado, e sinto que ele, às vezes, está mais desinteressado, porque o ambiente é muito diferente. A criança se dispersa demais, ela precisa ter um espaço reservado para os estudos, encontrar os amigos, socializar com a professora. É muito difícil manter o foco dentro de casa”.

Já a mãe F.A.M., que tem um filho adolescente, que estuda no 9º ano, afirma que tem sido difícil incentivá-lo. O jovem estava se preparando para fazer os processos seletivos para as escolas técnicas da região onde reside, e, agora, se vê prejudicado.

“Vejo desânimo e desinteresse. Antes, quando ele chegava da escola, contava sobre as aulas, o que tinha aprendido, o que os professores haviam preparado. Compartilhávamos, e ele era animado. Agora, não é mais assim. Ele tem acompanhado as aulas remotas, mas as atividades são feitas porque eu o obrigo. Quando preciso, até tiro algo, como o videogame, para ele voltar aos estudos. Com certeza, está muito difícil, e eu me preocupo. Eu me esforço para incentivá-lo, porque, ao menos, ele continua lendo, escrevendo, estudando, exercitando o seu cérebro”.

Como visto, não há uma convergência quanto as opiniões sobre as aprendizagens dos filhos, os entendimentos ainda são pontuais e situados, específicos de cada contexto familiar e grupo escolar que participa, restando, portanto, suprir a lacuna quanto à construção dos referenciais que nos ajudem a compreender com os aprendizes e aqueles que os acompanham como realizam as elaborações que dão sentido à produção de conhecimentos.

4 Escuta dos discentes

Para os alunos, a socialização entre os amigos e professor é o ponto mais evidenciado. Sentem muita falta desta convivência, e, mesmo que realizem alguns encontros virtuais, o contato humano é incomparável. Para eles, estas relações os animam para ir à escola, e, por sua vez, a aprender. E, como estão cada vez mais distantes, o desânimo acaba prejudicando o rendimento escolar. O aprendizado continua, mas, no geral, acreditam que, em comparação com o ensino presencial, de fato, estão aprendendo menos. Apesar das inúmeras possibilidades de aprendizagem que as tecnologias propiciam - quando usadas com a intencionalidade pedagógica -, nada substitui o contato com o professor, que não deixou de tirar as dúvidas dos alunos no modo remoto, cuja presença é essencial, o que fortaleceria o estímulo em aprender.

Muitos estudantes não estão gostando do ER, principalmente, os menores, que são acostumados a receber, diariamente, um forte abraço de seus professores, além de uma atenção especial, como destaca D. O., 7 anos, que está no 1º ano do Ensino Fundamental I.

“Eu estou aprendendo menos, porque, nas aulas, a gente fala, e a professora não consegue escutar. Ela não me ouve, e, quando a gente fala, todo mundo quer falar ao mesmo tempo, aí eu não aprendo. Eu quero voltar para a minha escola, assim não está legal”.

Para as crianças, manter o foco é muito difícil e, apesar de ainda serem pequenos, já percebem que, neste ano, estão aprendendo bem menos em comparação ao que estudaram no ano passado, como relato de H.O.L.L, de 8 anos, que está no 3º ano do Ensino Fundamental I.

“Estou aprendendo menos, a professora disse que, se estivéssemos na escola, teria muito mais folhinha, muito mais trabalho, caderno e

livro. Mas isso não quer dizer que não estou aprendendo, porque é para isso que a escola serve, para ter respeito e aprender sobre as coisas”.

Os adolescentes também têm tido dificuldade para se concentrar, e, principalmente, se sentirem engajados. Muitos dizem que realizam as tarefas para cumprir as suas obrigações, mas não tem sido efetivo, além de interessante, como relata J. H.S., 14 anos, estudante do 9º ano, do Ensino Fundamental II.

“É horrível estudar assim, sem ter o professor perto para tirar as dúvidas, eu estou aprendendo bem menos. Na verdade, eu não tenho nenhuma vontade de fazer as atividades. Estudar assim não traz interesse para nós. Meus amigos também não estão fazendo os exercícios. Eu só faço porque a minha mãe obriga. Queria mesmo estar na escola com meus professores e amigos. Estudar sozinho em casa é muito ruim”.

Para os que estão no Ensino Médio, a sensação de que tiveram o seu aprendizado comprometido é ainda maior. Parte deles estava focada com o ingresso nas universidades, que exige preparação. Embora tentem estudar, a concentração sempre é prejudicada, porque é preciso estar em um ambiente adequado, que não os dispersem, como as suas casas, como compartilha o estudante G.F., do 3º ano do Ensino Médio.

“Com toda a certeza, estou aprendendo menos. Mas ninguém estava preparado para este fenômeno. Os alunos, professores, a escola como um todo. A mudança nos horários e a colisão com a nova rotina estabelecida gera um estresse maior ao focar nos estudos. Isso faz com que a maioria dos alunos evite isso e não consiga aprender o mesmo do que na escola. Pelo menos é o que eu sinto e vejo na minha situação. Estou generalizando, mas acredito que meus colegas podem se encaixar no mesmo aspecto”.

As experiências dos estudantes do ensino universitário também não são positivas. Por abrangerem áreas mais específicas, e que, no geral, aliam a teoria à prática, não tem sido fácil se readaptar a horas sentados em frente ao computador. Por mais que os professores se esforcem para dar continuidade aos conteúdos, não desestimulem seus alunos e se mostrarem presentes, nada se compara com o que aprendiam no modo presencial, como relata a estudante P.S., 19 anos, que está no 4º semestre do curso de Fisioterapia.

“Eu faço faculdade Fisioterapia, e há um semestre estamos no ensino remoto. Não tem sido legal, pois, como sou da área da saúde, isto prejudica bastante o ensino, há muitas matérias que precisam ser na prática. Acho que no remoto devíamos aprender os temas mais básicos, e nem estes estamos conseguindo assimilar. Não me adaptei”.

O saldo, por assim dizer, das respostas discentes também tendenciam para um aprender mais limitado ou até mesmo um aprender menos, como um processo que aguarda retorno à ‘normalidade’ conhecida, para assim, ‘aprender de fato’. É prematuro afirmar sobre as aprendizagens, entretanto, precisamos no mínimo compreender as nossas construções e entendimentos deste período, num exercício metacognitivo para ampliar as escolhas e decisões dos percursos de ensino.

5 Algumas reflexões sobre a pesquisa em andamento

Muitas dúvidas surgem diante do novo formato com aulas remotas, principalmente, se os alunos aprendem da mesma maneira que em sala de aula. Ou deixam lacunas e trazem prejuízos? Por isso, a pesquisa partiu da escuta de professores, pais e dos próprios alunos sobre o que pensam a respeito, sobre o que dizem dos processos e das propostas realizadas, que afirmam, *“deixam a desejar”* no quesito aprendizagem.

Os professores destacam como foram *“pegos de surpresa”*, e claro, todos nós fomos, o quanto é difícil aprender *“tudo sobre o uso e consumo das tecnologias”*, e, além disso, usá-las com *“eficiência”*, de que deve-se enxugar ao máximo todo o conteúdo para que a aula não fique tão extensa, o que gera uma certa instabilidade, pois presencialmente os alunos podiam interromper e tirar suas dúvidas. Agora, atrás de uma tela, fica mais difícil, pois nem sempre as aulas são ao vivo, visto que a internet que é fornecida também não dá conta da demanda e quantidade de acessos. Com a pandemia, mais pessoas estão em casa, e isso acarreta um tempo maior de conexão, fator que contribui para que as redes fiquem mais lentas. Assim, por conta de todos esses *“entraves”*, muitos acreditam que o ER não favorece a aprendizagem do aluno, como afirma outro entrevistado:

“O aluno aprende, porém de forma retórica, ou seja, o professor precisa estar sempre retomando ao conteúdo e instigando a realizar atividades que dialoguem com o que vem sendo trabalhado. O problema é que muitos alunos não dão importância a esse novo modelo de ensino, fazendo com que se torne ineficaz, pois a família também contribui para tal problemática, uma vez que cobra por desconto da mensalidade, mas não interage nem senta com seu filho. Já no ensino público, temos vários contextos sociais que, infelizmente, fazem com que ele não chegue a todos, daí a quebra da relação ensino/aprendizagem, já que o segundo depende do primeiro. Dessa forma, temos a segregação de classes, uma vez que o aluno da rede privada acaba tendo mais benefícios em meio a esse novo método educacional”. (Professor da rede privada e pública).

Com esses e outros depoimentos é possível perceber a exclusão dos alunos da escola pública, vistos como diferentes, cujo problema crônico da sociedade brasileira precisa ser revisto, além do distanciamento entre educação e comunicação, no entendimento de uma cultura digital e no trato com as tecnologias e mídias nos processos formativos. Embora nunca tenha tido tanta necessidade do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) em sala de aula, como afirmou Alves (1998), em estudo realizado em outro tempo e contexto, os professores temiam o uso dos computadores quando surgiu a informática, pois sabiam que chegava para ocupar espaços, e, com isso, vinha o medo da substituição. Talvez este tenha sido um dos motivos, pois, em nossa história, os projetos de inclusão e usos eram, e ainda são, limitados, muitas vezes considerados como ‘ferramentas e instrumentos’ a serem utilizados na educação, num entendimento mecanicista e instrumental nos discursos e nas práticas. Assim, fala-se sobre um contexto que acontece num imbricamento hipertextual, pois

Nossos conceitos, nossas ideias, nossos pensamentos encontram na linguagem, falada e escrita, as formas "eletivas" de implementação e comunicação humana; a palavra e os textos, escritos, literários, musicais, icônicos, representam os instrumentos simbólicos de nossas expressões. Eles devem ser lidos, interpretados, "usados". Filósofos, semiólogos, textualistas, críticos literários adotaram ou estão realizando, mais ou menos conscientemente, um tipo de prática "hipertextual" em sua atividade de pesquisa.⁸ (VARISCO, 1995, p.12, tradução nossa)

⁸ I nostri concetti, le nostre idee, i nostri pensieri trovano nel linguaggio, parlato e scritto, le vie “elettive” all’implementazione e alla comunicazione umana; la parola e i testi, scritti, letterari, musicali, iconici, rappresentano gli strumenti simbolici della nostra espressione. Essi vanno letti, interpretati, “usati”. Filosofi, semiologi, testualisti, critici letterari hanno adottato o stanno realizzando, più o meno consapevolmente, una pratica di tipo “ipertestuali” nella loro attività di ricerca.

Por isso, a necessária formação docente com as muitas proposições e modos diversos de apropriação, que ficaram no campo do discurso e não da experiência praxiológica e pedagógica, além do uso pessoal e individual que se faz. O momento urge como um espaço de reflexão sobre como os diversos sujeitos e instituições pensam agora quanto aos usos das tecnologias para a construção das aprendizagens e não somente de ‘distração’, de entretenimento. Alguns pais foram bem positivos quanto aos ensinamentos, uns dizem que o filho está conseguindo manter o ritmo de aprendizagem, uma vez que o sistema pelo qual assistem às aulas tem melhorado bastante, e, se no início era reduzido a uma atividade por semana, agora são duas por dia, o que contabiliza dez atividades semanais.

Outro ponto importante é pensar que os pais precisam ter disponibilidade em algum momento do dia para ajudar seus filhos se querem que o sistema se torne mais eficaz, mesmo antes do ER era necessária a presença dos genitores na escola. Então, por que agora seria diferente? Para muitos estudantes, sem o auxílio da família é mais difícil aprender, acaba se tornando algo muito mecânico e ensinar exige afeto de quem está por perto. Não basta ensinar através das telas, é preciso demonstrar interesse e dar importância ao que o aprendiz faz, seja na escola ou em casa.

Quando questionados sobre o ER, os alunos reclamam que a interação é diferente, como se fosse apenas eles e a máquina. Falam que, com a turma toda, aprendiam mais e melhor, porque eles se divertiam, *“usar o computador é bom, mas, para aprender os conteúdos da escola, é chato”*, quando se tem que ficar sentado só prestando atenção no que o professor está explicando. Aprender em sala de aula já é um tanto complicado porque existem muitos fatores que complexizam o processo, como, por exemplo, o barulho, principalmente para aqueles que precisam de uma atenção especial para entender melhor, as aulas sustentadas numa perspectiva de currículo tradicional, centrada nos conteúdos, dentre outros. Se antes já havia dificuldades de aprendizagem presencialmente, com as aulas remotas não seria diferente.

A pesquisa tem demonstrado que é possível perceber a urgência e necessidade em explorar novos conhecimentos que busquem interligar as interfaces educação e comunicação, visto que uma depende da outra. Salientando ainda que a aprendizagem

está em toda parte, tanto nos espaços formais, como na escola; quanto nos informais, como em casa e nos diversos ambientes externos; e, ainda, nos digitais, como nos jogos eletrônicos, nas plataformas, nas redes sociais e nas interações promovidas no ciberespaço.

6 Considerações finais

Até o momento, são muitas elaborações e experiências misturadas:

- Do planejamento à produção de ‘teleaulas’, desafiando os docentes a interagirem e aprenderem mais sobre as TIC’s;
- A diversidade de acessos às tecnologias por discentes e docentes;
- O contexto profissional e a problemática de que muitos professores têm/tinham contratos temporários de trabalho, muitos destes sendo desligados, demitidos ou com carga horária reduzida;
- A interação e compreensão com realidades nas quais as atividades ou até mesmo o ano letivo, para alguns, sequer começou;
- O despreparo formativo e profissional para a modalidade a distância e a ‘temporalidade’ do remoto, portanto, a necessária investigação sobre formação inicial e continuada, no acompanhamento dos docentes nesse percurso, como uma das questões-chave para a valorização, qualificação e reconhecimento das muitas formas criativas e inventivas vistas neste período, configurando, assim, referências para o ensino atual e no pós-pandemia;
- Promover mais a formação e o acompanhamento das ações docentes, pois a criação das alternativas do ER é de responsabilidade de todos;
- As respostas indicam como a concepção tradicional de educação, fragmentada e dos conteúdos como centro do processo de aprendizagem, é muito presente nos contextos de todos os colaboradores;
- A experiência pedagógica com o ER tem se configurado em uma experiência filtrada pelas telas dos dispositivos;

- Por fim, a necessária elaboração de um mapeamento das aprendizagens discentes ainda por construir, a partir da escuta das crianças, adolescentes e jovens, comparando com as proposições do currículo, através de uma avaliação contínua como referimento às próximas elaborações educacionais.

Acima, são apresentadas algumas das questões-problema, evidentes mais para uns grupos do que para outros, assim como, entre os segmentos, é o caso da educação infantil, que viu suas proporções serem reduzidas ou de suspensão das atividades, como, por exemplo, a diminuição de carga horária laboral de docentes e até demissão de muitos destes profissionais, realidade vista e ampliada para os outros ciclos de ensino. Acrescenta-se, ainda, que as dificuldades sentidas e de enfrentamento dos docentes acabam por refletir na família e nos estudantes, e vice-versa, uma vez que são os pais que ficaram a cargo da educação dos filhos, com o acompanhamento a distância dos docentes. Portanto, as dificuldades de criação e novos hábitos, assim como das aprendizagens, foram para todos.

Nesse processo de continuidade do ano letivo com o ER, por conta da pandemia da Covid-19, todos enfrentam desafios com os percursos metodológicos e tecnológicos, vistos como meios de ancoragem e realização de experiências ‘inéditas’, apesar de não chegarem à maioria da população estudantil brasileira, por inúmeros motivos, econômicos, políticos, geográficos e de conexão. Configurando, assim, os primeiros desafios, de apropriação dos modos de fazer remotamente com as tecnologias, na garantia dos direitos de inclusão e acessos à educação. Diante das problemáticas apresentadas pelos colaboradores, finalizamos estas breves reflexões com uma pergunta: Sem o ER o que teríamos? A alternativa e proposta são emergenciais, portanto, temporárias.

Referências

ALVES, Lynn Rosalina Gama. Novas tecnologias: instrumento, ferramenta ou elementos estruturantes de um novo pensar? **Revista da FAEEBA**, Salvador, p. 141-152, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

LEGRENZI, Paolo. **Prima lezione di scienze cognitive**. Bari, Italia: Editori Laterza, 2003.

VARISCO, Bianca Maria. Alle radici dell'ipertestualità. In: CALVANI, Antonio; VARISCO, Bianca M. **Costruire/decostruire significati**. Iper testi, microfoni e orizzonti formativi. Padova, Italia: CLEUP (Cooperativa Libreria Editrice), 1995.